

“Tudo é um jogo”: diferentes contornos da relação entre violência e futebol em dois escritores da Amazônia brasileira

Different contours of the relationship between violence and football in two writers from the Brazilian Amazon

Tânia Sarmento-Pantoja

Universidade Federal do Pará, Belém/PA, Brasil
Doutora em Estudos Literários, UNESP
t.sarmentopantoja@gmail.com

RESUMO: Uma das características mais proeminentes da literatura produzida nas últimas décadas é a relação de partilha que a ficção estabelece com as matérias historiográficas, seja para agregar e ressignificar o dado histórico, seja para evidenciar a precariedade ou a violência como fenômenos sociais, recortados de certas realidades, aspectos que nos parecem bastante adequados para uma reflexão – sempre atual – sobre futebol como mediador especulativo. Nesse sentido, o presente estudo analisa a produção de dois escritores que trazem diferentes cenários sociais da Amazônia brasileira para suas narrativas literárias, aliados à captura do universo futebolístico. Esses escritores são Clei Souza, com o conto “O jogo”, que integra a coletânea *O suicidado e outras histórias* (2021) e Ademir Braz, com o conto “Finalzinho de carreira”, que está na coletânea *A bela dos moinhos azuis* (2015). Seja no tratamento minucioso que Braz dá às precariedades que assolam a forma de vida amazônica; seja nas experiências insuportáveis, coladas à vida (violentamente) interrompida, no caso dos recortes propostos por Souza; em ambos os contos, o futebol se comunica ou é comunicado através das diatribes de alguma forma de violência, facilmente identificada na integração com os cenários sociais e, portanto, posicionado em uma chave residual e espectral na cultura e na sociedade brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Futebol, Violência, Ademir Braz, Clei Souza

ABSTRACT: One of the most prominent characteristics of literature produced in recent decades is the sharing relationship that fiction establishes with historiographical materials, whether to aggregate and give new meaning to historical data, or to highlight precariousness or violence as social phenomena, cut out from certain realities, aspects that seem quite suitable for a reflection – always current – on football as a speculative mediator. In this sense, the present study analyzes the production of two writers who bring different social scenarios from the Brazilian Amazon to their literary narratives, combined with capturing the football universe. These writers are Clei Souza, with the short story “O Jogo”, which is part of the collection *O suicidado e outras histórias* (2021) and Ademir Braz, with the short story “Finalzinho de carreira”, which is in the collection *A bela dos moinhos azuis* (2015). Be it in the meticulous treatment that Braz gives to the precariousness that plagues the Amazonian way of life; whether in the unbearable experiences, glued to the (violently) interrupted life, in the case of the excerpts proposed by Souza; In both stories, football communicates or is communicated through diatribes of some form of violence, easily identified in integration with social scenarios and, therefore, positioned in a residual and spectral key in Brazilian culture and society.

KEYWORDS: Literature; Football; Violence; Ademir Braz; Clei Souza.

I

Há algum tempo, venho desenvolvendo investigações que envolvem o mapeamento de protagonismos e temas excêntricos e nesse processo tenho me deparado com condições organizadoras nos materiais que analiso. Em termos teóricos e metodológicos tenho procurado compreender esses materiais com base em algumas categorias, dentre as quais destaco as noções de rastro e residualidade, especialmente para pensar como a análise desses materiais podem envolver a reflexão sobre a violência, no caso específico do estudo que ora apresento, a violência na relação com o futebol e suas representações no texto literário.

Com Walter Benjamin sempre no horizonte, Jeanne Marie Gagnebin, compreende que o rastro “[...] só existe em razão de sua fragilidade”.¹ Embora muito comprometido com o registro ou arquivo, o rastro evoca igualmente o que chamo aqui de matéria perdida. Nesse sentido, a exclusão e a ausência são condições epistemologicamente implicadas na noção de rastro. O reconhecimento dessa fragilidade e da ameaça da perda que a envolve implica pensar sobre como as residualidades sobrevivem e repercutem em determinados espaços e não em outros e como elas são selecionadas tanto na esfera do apagamento, quanto na da permanência – e aqui penso mais de perto sobre os arquivos memoriais e suas relações com os protagonismos e temas excêntricos.

Essa afinidade, enfim, se apresenta como um ponto de tensão a habitar o trabalho do artista: a questão da sobrevivência do vestígio equivale (também) à questão da sobrevivência de uma matéria perdida e suas formas de representação no objeto artístico como uma tensão que, por sua vez, costuma extrair potência crítica direcionada ao lastro histórico e cultural. Nesse ponto, penso especialmente como as residualidades estão relacionadas às hierarquias estabelecidas na sociedade brasileira, especialmente as voltadas à condição étnica, de gênero e de classe social. E a fim de também pensarmos sobre a conexão com o tema do Simpósio Literatura e Futebol, como o futebol, na condição de mediador especulativo, é tam-

¹ GAGNEBIN. Apagar os rastros, recolher os restos, p. 26.

bém uma linguagem global que comunica uma cultura e sobre essa cultura, ao mesmo tempo em que também é comunicado enquanto parte dela.

Na cultura brasileira e mais especificamente na relação entre literatura e futebol a ferroada no peito do pé é a violência. Seja porque o futebol é movido por uma “[...] energia” de celebração e crueldade sobrepostas no rito,² seja por estruturar-se sobre uma partilha de agentes – jogadores, torcedores, árbitros, dirigentes – unidos por sentimentos de pertencimento a um grupo, mais propriamente a uma nação³ que se estende a todos os espaços físicos ou virtuais envolvidos no jogo de futebol, ou seja, paisagens futebolísticas ora associadas à anterioridade do jogo, ora ao jogo propriamente dito, ora à celebração ou o enlutamento pós-jogo, a depender do resultado para cada um dos times e suas torcidas. Cada um desses momentos pode ser vivido, como se diz no Brasil, “com açúcar e com afeto”, mas também com o sabor ferroso do sangue. E como na cultura brasileira o futebol está profundamente imerso na vida, a vida que chora e que sangra, e, como, por fim, em alguns textos literários encontramos a conexão entre futebol e certas movimentações dessa mesma cultura, é possível extrair singularidades na análise das residualidades que envolvem as representações do futebol na ficção.

Nesse sentido, apresentamos aqui um estudo comparado sobre as representações de certas expressões literárias periféricas em uma literatura de língua portuguesa, particularmente, de expressão amazônica, em que proponho analisar o específico estabelecimento de uma relação triádica – literatura, futebol e violência – na produção de dois escritores que trazem diferentes cenários sociais da Amazônia brasileira para suas narrativas literárias, conectados à captura do universo futebolístico. Esses escritores são Clei Souza, com o conto “O jogo”, que integra a coletânea *O suicidado e outras histórias* (2021) e Ademir Braz, com o conto “Finalzinho de carreira”, que está na coletânea *A bela dos moinhos azuis* (2015).

Os textos que compõem *O suicidado e outras histórias* são narrativas curtas sobre a devoração da vida. Como bem afirma Nilson Oliveira sobre os contos de Clei Souza, que integram a referida coletânea: “Tais linhas operam, com efeito, nas

² STRATICO. O texto abjeto e performativo do futebol e da poesia, p. 75.

³ SALGADO. *Bolas de papel: sociedade, gênero e território em contos de futebol argentinos*, p. 39.

situações mais cotidianas, em planos tomados pela lentidão, numa sequência sufocante, de tal maneira que aos poucos, na leitura, vamos percebendo que as saídas simplesmente desmoronaram” e essa vida no sufoco decorre “[...] numa periferia qualquer, mas sempre no limbo do acontecimento”.⁴

Em uma dessas narrativas, o conto “O jogo”, Souza nos coloca diante de uma situação recorrentemente relatada nas mídias jornalísticas do Brasil e infelizmente muito presente na vida social da Amazônia brasileira: um assassinato de encomenda. Nesse caso, trata-se de um matador anônimo, um *sniper* conhecido entre outros matadores, que se torna o alvo da encomenda e antes de ser assassinado vive a experiência de se perceber apreendido pela tensão e o medo sentidos por suas vítimas. A sentença de morte vem de seu envolvimento, como provável e única testemunha, em uma investigação contra um fazendeiro com aspirações políticas e contumaz mandante de vários assassinatos, alguns cometidos justamente pelo *sniper* protagonista do conto, agora sentenciado à morte.

Ameaçado, o matador se torna recluso em casa, adiando o inadiável. Porém, uma partida de futebol o força a sair de casa: torcedor do Flamengo ele decide ir assistir ao jogo em um bar, ou porque o amor pelo clube é uma situação afetivamente inevitável ou porque o matador, na condição de profundo conhecedor da inevitabilidade da morte aos condenados de encomenda, decide expor-se à situação, conformado com o desenrolar de seu destino. De todo modo, o rito de assistir ao jogo tem para a história contada o papel de amainar a tensão, mas, estruturalmente tem a função de sobrepor códigos a fim de potencializar a visibilidade de certas condições culturais e sociais relacionados ao tema do assassinato de encomenda.

Nesse processo, termos como “jogo” e “juiz” estendem significados que extrapolam a plasticidade da cena do jogo de futebol e da cena dos homens no bar, alcançando outras materialidades, mas sem afastar-se do drama do protagonista. Assim, diferentes enquadramentos da mesma função se apresentam entretecidas no mesmo universo: o árbitro de futebol ladrão, que deixa de marcar um pênalti favorável ao Flamengo assimila o juiz comprado que se vale de filigranas jurídicas para favorecer o fazendeiro, mandante de inúmeros crimes de encomenda, incluída

⁴ OLIVEIRA. As existências mínimas e o cadafalso, p. 11.

a morte por encomenda do próprio matador. Por esse motivo, “tudo é um jogo”, como pondera o narrador do conto, e nesse jogo não basta aplicar habilmente a técnica, ou seja, movimentar bem a bola em campo, no caso da partida que se desenrola na tela de uma televisão no bar ou conduzir com perícia o inquérito policial, que está no centro da morte encomendada do protagonista. Em um cenário historicamente marcado pela corrupção, pelo fisiologismo e pelo extermínio de quem incomoda ou se torna um estorvo, ganha o jogo quem melhor mobiliza poder. Nesse processo, a violência física e simbólica quase sempre associada à perversidade, entram em campo. E no contexto desesperador em que se encontra o protagonista, quem de fato mobiliza poder é o fazendeiro, com poder político e, sobretudo, financeiro para corromper juízes, exterminar testemunhas e outras “pontas soltas”.

O protagonista compreende muito bem esse jogo, pois nele já esteve muitas vezes na posição do peão, na condição de caçador, condição que não deixa de lembrar a do atacante, aquele que no jogo de futebol vai para a linha de frente do ataque. Contudo, ao compreender que havia se transformado em “ponta solta”, ele até tenta se resguardar, mas sabe bem que está na condição de caça, como é possível observar neste trecho: “Nunca imaginara que passaria por essa situação. Sempre estivera do outro lado. Na espreita. O caçador à espera do momento certo. Ao menos isso lhe dá agora uma vantagem, se alguém o estiver espreitando, ele na certa vai perceber”.⁵

A maior parte do desenvolvimento das ações da narrativa se passa em um bar, onde só há três pessoas: o dono do bar, também atendente e barista de improviso, o matador jurado de morte e um rapaz que estava “[...] de guarda-chuva, era baixo, usava óculos, o corpo franzino parecendo perdido na camisa rubro-negra que mesmo sendo pequena parecia feita pra alguém maior. Tinha movimentos tímidos”,⁶ a quem o narrador vai chamar de “torcedorzinho” até a culminância de tudo. Nesse ponto há um encadeamento entre o que acontece no bar e o que acontece no jogo transmitido pela televisão. Enquanto o Flamengo corre atrás da bola para ganhar o jogo, pois o outro time só precisa do empate, na cena do bar o matador jurado de morte tenta esquecer a ameaça que o assombra, ainda que a ameaça esteja mais perto do que ele imagina, pois outro matador àquela altura já se encontra ao encalço da presa.

⁵ SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 30.

⁶ SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 31.

Vai pra frente do bar fumar um cigarro. Olha em torno, ninguém. Embora tudo esteja contra no jogo, ele está se sentindo feliz. O pouco é muito quando não se tem nada. Esses noventa minutos estão valendo mais que os últimos dias. Esquece da arma escondida na cintura, esquece dos seus invisíveis matadores que o estariam tocando no seu caminho de volta, esquece de que ele mesmo tocou muita gente a mando dos fazendeiros. Sua vida toda está absorvida pela final daquele campeonato. No tragar experimenta um prazer igual ao daqueles condenados que fumam o seu último cigarro!⁷

De fato, ir ao bar representa àquela altura um ato suicida – aliás, bem afinado ao termo “suicidado” presente no título da coletânea – ainda que o protagonista construa a ilusão de que pode se manter atento aos sinais de um ataque iminente. Marcimendes Silva, no estudo *Suicídio: trama da comunicação*,⁸ faz uma distinção entre suicidando, o que ameaça ou tenta suicídio e o suicidado, aquele que ultrapassou a ameaça e efetivamente se matou. Silva vê o suicídio como ato de comunicação. Observamos essa diretriz no conto de Souza em dupla chave: se por um lado é possível reconhecer o protagonista como uma espécie de suicida, na medida em que se expõe à morte certa, usando como justificativa o desejo de ir a um bar assistir ao jogo de futebol, mesmo sendo conhecedor dos ardis que os matadores costumam utilizar para cumprir o serviço, por outro lado, a quase inexorabilidade da morte nesse tipo de crime consiste em uma forma de comunicação, que se encontra integrado ao modo como a história é contada. Nesse processo, os códigos do futebol, ou melhor, os códigos culturais do futebol no Brasil, são apropriados, para recomunicar problemas sociais entranhados em uma cultura mais ampla, no caso, os crimes de encomenda, mais especificamente o assassinato por conflito fundiário em que se faz intenso o envolvimento de latifundiários na grilagem de terras, por sua vez sustentados por aquilo que César Barreira chama de “sistema de pistolagem”: “O pistoleiro, que executa a ação, e o mandante, que comanda a ação constituem as peças-chaves e definidoras do ‘crime de pistolagem’. Essas peças são classificadas também como o autor material – o pistoleiro, e o autor intelectual – o mandante”.⁹ E uma vez condenada à morte por um mandante, independente de quem seja, dificilmente a vítima sobrevive. Vejamos como o final do conto expressa este aspecto:

⁷ SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 32.

⁸ SILVA. *Suicídio: trama da comunicação*.

⁹ BARREIRA. *Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro*, p. 54.

Acaba o jogo. O dono diz que precisa fechar porque já é tarde e a chuva deixou a noite soturna. É assim no interior. O freguês reclama que se fosse na capital, mesmo com chuva, muitos torcedores estariam nos bares comemorando, quem sabe até de manhã, ao que o torcedorzinho concorda com a cabeça, com cuidado pros óculos não caírem. Diz que vai embora dali pra uma grande cidade, pra ninguém mais o achar. Dali a dois dias estaria confundido com a multidão anônima. Ele paga a conta e diz com a fala já pastosa da bebida que entende o fechamento do bar, embora lamente, e que já vai pra casa. O dono do bar vê os dois fregueses dobrarem a esquina cantando juntos o hino do Flamengo. A rua silenciosa faz o bêbado canto dos dois ecoarem claramente enquanto ele vai fechando o estabelecimento. Ele vai acompanhando em pensamento a letra que os dois entoam. Quando chega na parte da letra que diz “uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, ele ouve um estrondo de tiro. Vai até a porta e vê surgir da esquina o torcedorzinho, que o encara enquanto passa diante dele. O diálogo de olhos deixa claro que foi selado um pacto de silêncio, em nome da manutenção do bar e da vida de seu dono. Ele, em silêncio, vai vendo sumir no fim da rua fria e chuvosa o homenzinho cuja roupa preta e vermelha do time esconde outra vermelhidão. A justiça mais tarde inocentaria o fazendeiro no caso porque aquele que se descobriu ser a fonte das principais informações sobre o crime investigado havia sido morto em um suposto latrocínio.¹⁰

Nesse ponto sem volta em que se encontra a assassinato por encomenda do protagonista, o conto de Souza se localiza numa trajetória material muito precisa dos temas conectados no conto. Na Amazônia, a organização do sistema de pistola-gem remonta ao período ditatorial embora só passe a ter maior visibilidade na década de 90 do século XX. Relatórios produzidos em 2022 apontam que continua muito vivo, especialmente contra quilombolas, indígenas, sem-terras e posseiros.

Os dados sobre esse tipo de crime em território nacional são assustadores. Enquanto escrevia este estudo uma pesquisa divulgada pelo Conselho Indigenista Missionário, em 26 de julho de 2023,¹¹ baseada em dados de 2022, indica que 17% dos conflitos registrados no país, foram contra indígenas. Os números divulgados apontam também para casos de assassinatos e ameaças de morte contra indígenas, em 2021, números que aumentaram ainda mais em 2022, que registrou 416 casos, um aumento de 8,9% em relação ao ano anterior. Também de acordo com a Comissão Pastoral da Terra, em 2022:

[...] o número de assassinatos ligados a disputas pela terra aumentou cerca de 30% em relação ao ano anterior. Foram 47 mortos no ano pas-

¹⁰ SOUZA. *O suicidado e outras histórias*, p. 33.

¹¹ Disponível em: <https://bit.ly/3WTL2zH>.

sado, sendo nove adolescentes e uma criança, ante 35 em 2021. Também foram registradas 123 ameaças de morte, número cerca de oito vezes maior que as 33 registradas em 2021. Segundo a CPT, é o maior registro em todo o século 21. Os indígenas foram os alvos mais frequentes (38%), com 18 mortos. Em seguida os sem-terra (19%), com nove.¹²

E nessa estatística nefasta ainda estão presentes “[...] três ambientalistas, três assentados e três trabalhadores rurais”.¹³

As residualidades dessas condições históricas vem ao conto “O jogo” não como quantitativos estatísticos, mas, sobretudo como um drama arqueologicamente posicionado em que o futebol funciona como lugar de enlace, em que os principais agentes envolvidos, todos anônimos, se encontram: o condenado à morte, o matador, a testemunha silenciada pelo medo e até o mandante, ainda que ausente da cena. E como lugar de enlace o futebol ao mesmo tempo comunica e é alcançado pela linguagem do crime de encomenda, que (também) se manifesta através dos códigos do futebol, no tecido ficcional.

II

A residualidade é um parâmetro que também acompanha a coletânea de contos *A bela dos moinhos azuis*, de Ademir Braz. São 65 pequenos contos, ou assim os chama o escritor, mas na verdade assemelham-se mais a anedotas, seja pelo caráter de recorte fragmentado do cotidiano, seja pelo humor presente na maioria dos fragmentos. Dos 65 contículos um nos chama a atenção, justamente pela relação com o futebol. Trata-se de “Finalzinho de carreira”, que narra a inusitada história de Reizinho, “[...] pintor de paredes e árbitro de futebol nos finais de semana”. O caráter anedótico nasce aqui em função de circunstâncias abjetas: ao apitar uma partida, o árbitro decide finalizar o primeiro período do jogo antes do tempo regulamentar em função de um desconforto intestinal:

Reizinho regia uma partida de futebol da primeira divisão no estádio Zinho quando, aos poucos, foi se afastando do meio do campo até ficar próximo a saída para os vestiários. De repente, ainda aí pelos 25 minutos do primeiro período, ele apitou encerrando o jogo e saiu correndo do

¹² Disponível em: <https://bit.ly/3QYERGC>.

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3QYERGC>.

gramado. Quinze minutos depois, na volta do vestiário, foi abordado por um repórter que queria saber o motivo da interrupção abrupta, que deixara confusos atletas e arquibancada.¹⁴

Diante da indagação do repórter a respeito da situação inusitada Reizinho responde que comera uma “paçoca de rejeitos” e o alimento lhe provocou um aperreio dos diabos e por esse motivo foi obrigado a correr para o banheiro, mas garante ele, os minutos restantes seriam devidamente compensados no segundo tempo do jogo. E assim o foi, mas a notícia rapidamente se espalha entre os torcedores. Ao reencontrar o árbitro em outra partida, a turba recebe Reizinho aos gritos debochados de “paçoca de rejeito, paçoca de rejeito”. Reizinho reage e é quase linchado pela multidão.

É interessante notar aqui o papel do deboche associado à perturbação da ordem e ao mesmo tempo ao questionamento da autoridade pelo viés da violência, que emana da cena do jogo de futebol em campo. Sobre o deboche Verônica Guimarães Silva observa o seguinte:

Sobre o ato de debochar, torna-se necessário, aqui, uma explicação histórico-cultural para entender um elemento da cultura brasileira do feio – o deboche. Em português, “deboche” significa “devassidão, libertinagem”, especializando-se mais recentemente em “zombaria”. No Brasil adquire ainda o significado de zombaria explícita, impetuosa, com grande desregramento e excesso.¹⁵

E mais: o domínio do risível no país é algo consolidado e este domínio faz parte da história do feio, especialmente a feiura que não inspira nem dó nem piedade.¹⁶ Portanto, recortar um determinado aspecto identitário e/ou identificatório da alteridade, compreendido pelos outros como feio e usá-lo como exercício sádico para extrair matéria risível é uma estratégia comumente observada entre indivíduos e entre grupos. Umberto Eco observa que “[...] o feio é também um fenômeno cultural”.¹⁷ Ao ponderar que os fatores econômicos podem estar bastante implicados na forma como definimos a beleza, Eco avalia que o fator discriminante é sobretudo cultural ao definirmos se algo ou alguém é feio.

¹⁴ BRAZ. *A bela dos moinhos azuis*, p. 70.

¹⁵ SILVA. *A cultura brasileira do feio*, p. 187.

¹⁶ SILVA. *A cultura brasileira do feio*, p. 188.

¹⁷ ECO. *História da feiura*, p. 394.

Dentre os elementos que fazem parte da feiura e, portanto, passíveis de deboche, estão aqueles relacionados à escatologia: nesse sentido, processos fisiológicos em geral, quando enquadrados na linguagem do deboche, rendem o riso, mas também e quase sempre constituem o gatilho para situações violentas quando a agressão verbal de caráter injurioso – que serve de invólucro ao deboche – progride para a agressão física. O conto “Finalzinho de carreira” é um bom exemplo desse processo, pois associa de forma potente processos fisiológicos, como comer e defecar, a processos de comunicação violenta em um campo da experiência, o futebol, cada vez mais afeito à comunicação violenta para com as alteridades, sendo possível ainda observar como o futebol, enquanto uma linguagem global que fala a cultura e sobre a cultura, evidencia-se neste conto como estratégia por onde se expressa essa comunicação tóxica.

Em “Finalzinho de carreira” tudo começa com a ingestão da tal “paçoca de rejeitos”. E o que seria a “paçoca de rejeitos”? Trata-se de um tipo de comida, ou melhor, uma técnica de preparo de alimento pertencente à gastronomia popular do Nordeste brasileiro. Chama-se “paçoca” por ser resultante de mistura e/ou maceração de um conteúdo alimentar. A paçoca pode ser doce, quando feita com castanha de caju e amendoim; ou salgada, quando a receita é produzida com miúdos (vísceras) de ave, bovina ou suína ou com a reciclagem de outros tipos de proteínas. Como técnica gastronômica a paçoca está presente em todo o território brasileiro, mas o termo “paçoca de rejeitos” se encontra integrada à gastronomia nordestina. A referida “paçoca de rejeitos” é a paçoca feita com vísceras ou sobras de diversas carnes pré-cozidas. Uma receita conhecida e apreciada como sarapatel ou sarrabulho, feita com vísceras de porco, é um exemplo de paçoca de rejeitos. No sentido figurado, “paçoca de rejeitos” pode se referir a qualquer comida de difícil digestão ou ainda bagunça ou desarrumação.

No conto, não há como compreendermos a que modalidade de paçoca Reizinho se refere, apenas que ingeriu algo que lhe gerou um intenso desconforto ao ponto de ter que abandonar as suas funções de árbitro antes do tempo regulamentar. Portanto, não é exatamente o alimento o que potencializa a violência verbal desencadeada pela torcida, mas o que ele indicia: o uso do termo “paçoca de rejeitos” cola a figura de Reizinho à cultura nordestina e, embora, o espaço da narrativa

associe o episódio à cidade de Marabá, localizada no Sudeste do Pará – por conta das duas referências que faz ao Estádio Zinho Oliveira – sabemos que essa é uma região da Amazônia brasileira de grande presença de migrantes de outras regiões do país. Para compreender como o futebol se comunica com condições sociais e culturais próprias da cidade e da região que serve de cenário à narrativa do conto e como a cultura é um lugar enunciativo predominante nessa comunicação, é preciso lembrar que essa parte da Amazônia é profundamente marcada pela migração de nordestinos, sudestinos e sulistas para o Norte do Brasil. E nesse contexto a convivência entre as alteridades sempre foi desafiadora. No artigo “Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá”, Idelma Santiago da Silva pontua que:

A maioria dos migrantes para o sudeste do Pará procedia de grupos subalternos. Nos novos espaços ocupados, as relações entre estes e/ou outros grupos de migrantes foram de solidariedade, mas também de alteridade e construção de estereótipos discriminatórios. As denominações de caboclo (paraense) e maranhense (concepções de caboclo maranhense) são categorias empregadas nas fronteiras ambíguas entre conteúdos pejorativos e representações irônicas das relações desiguais entre grupos regionais de migrantes.¹⁸

Como afirma Clarissa Dubeaux Barros a “[...] determinação dos lugares sociais ou da posição de um sujeito em seu grupo é referida a seu corpo. Vestuário, cor da pele, tipo de cabelo, tamanho das mãos e é assim que se tornam ou não marcas de raça, gênero, etnia, classe e nacionalidade”.¹⁹ Na cena do jogo de futebol Rezinho se destaca como um corpo, o do árbitro de futebol, mas a situação peculiar em que se envolve revelam pistas para a confluência de outros elementos culturais que igualmente vestem esse corpo, na medida em que para a turba aquilo que alimenta o corpo ganha mais importância do que a função exercida pelo protagonista em campo.

No mesmo estudo referido, Barros também afirma que nas “[...] culturas onde existe forte senso de pudor, o gosto pela sua violação manifesta-se através do oposto, onde reside o conceito de obscenidade. Rir dos comportamentos obscenos é uma tentativa de burlar a censura que mantém os códigos sociais estabeleci-

¹⁸ SILVA. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá, p. 21.

¹⁹ BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 75.

dos”,²⁰ e exemplifica que a vida dos humildes, as deformidades do aldeão foram apreciadas com sadismo na Idade Média da mesma forma que o nojo e os excrementos foram veículos para o riso no Renascimento.²¹ Pode-se dizer o mesmo das culturas com grande senso de exclusão, como a brasileira, em que as referências identitárias reveladoras da alteridade podem ser transformadas em armas para atacar quem as possui. Conforme o já citado estudo de Silva muitos repertórios e experiências anteriores à migração permaneceram entre os migrantes radicados em Marabá. Silva ainda destaca o papel da diversidade vocabular e da culinária como elementos identitários e como fatores de identificação nas relações de vizinhança entre diferentes migrantes,²² bem como os desafios da convivência, muitas vezes eivada de discriminações.

Desse modo, não é só a condição de árbitro, que ao tomar uma decisão incomum, leva a turba de energúmenos a usar o termo “paçoca de rejeitos” como insulto contra o desafortunado protagonista em uma espécie de celebração tipicamente constituída como comunicação tóxica. A leitura atenta do conto mostra que à condição de árbitro está sobreposta à condição de homem pobre – não esqueçamos que o narrador faz questão de destacar que se trata de um “pintor de paredes e árbitro de futebol nos finais de semana” – e nordestino, por conta da relação com o alimento citado, sem dúvida ligado à cultura nordestina, uma vez que no conto é especialmente através da expressão vocabular que o elemento culinário é reconhecido pelo seu lugar de origem. Todas essas condições são ainda potencializadas pela ligação com a ocorrência constrangedora do problema gastrointestinal que acomete Reizinho, tornada pública.

Ao acompanhar o raciocínio de Verônica Guimarães Silva, de que o feio na cultura brasileira está intimamente ligado às formas de vingança social, traduzidas em deboche, compreendo que o feio se expressa no conto de Ademir Braz através dos índices embolados do nordestino e do “cagão”, como vemos ao final do conto:

— Paçoca de rejeito! Ei, paçoca de rejeito!
Azuado, Reizinho quis subir o alambrado para brigar. O estádio delirava, aos gritos e vaias, enquanto a polícia cuidava de conter o juiz. Se a

²⁰ BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 79.

²¹ BARROS. A beleza e a feiura na contemporaneidade, p. 79.

²² SILVA. Fronteiras culturais, p. 23.

partida foi boa , ninguém percebeu – os olhos voltados inteiros para Reizinho; as vairs e piadas também.

Dias depois, quando escalado para nova arbitragem, Reizinho avançou o campo com um dos filhos, um adolescente magro e enfezado que se postou entre o portão e a linha central do gramado com uma sacola cheia de pedras e caquinhos de telha. No primeiro “fala paçoca” o adolescente zangado abriu a sacola, tirou uma baladeira e choveram pedradas no rumo das arquibancadas. Para evitar o linchamento de pai e filho, a polícia retirou-os sob escudos.

Reizinho nunca mais apitou uma partida oficial.²³

A violência simbólica contra árbitros de futebol no Brasil é bastante conhecida dos profissionais envolvidos nessa prática desportiva: “Os árbitros interpretam a violência como falta de respeito, falta de capacidade de dialogar, a exposição de um indivíduo a situações constrangedoras e a tentativa de denegrir a imagem, neste caso, do profissional árbitro”.²⁴ Se existe um profissional que não pode errar é o árbitro de futebol. Se falhar deliberadamente em proveito próprio – mesmo em uma situação inadiável, como a de Reizinho – a reposta violenta não demora a chegar. Ela vem com os contornos do constrangimento depreciativo em que o deboche é o veículo enunciativo e as singularidades são o objeto da depreciação. Ao realçar essas singularidades o deboche toma um caráter profundamente excludente. É o que acontece com Reizinho. Açodado pela turba, Reizinho reage, mas a situação o marca para sempre, levando-o ao afastamento da função. A cena, focada no embate entre Reizinho e o filho contra a turba ensandecida, expressa o quanto os desafios da convivência entre alteridades alcançam diferentes níveis de agressividade. Nela, mais uma vez o futebol entra em campo, literalmente e simbolicamente, para ser comunicado e para comunicar, na medida em que é a na cena da partida final que se desenha e levanta a arena de guerra entre os torcedores e o árbitro.

Para concluir, seja na forma da violência física: o assassinato, como visto no conto “O jogo”, seja na forma de uma poderosa linguagem tóxica, baseada sobretudo na articulação com o deboche, como em “Finalzinho de carreira”, o estabelecimento da relação triádica – literatura, futebol e violência – quando se apresenta na ficção, por um lado evidencia a presença e a permanência das residualidades de certas condições históricas e culturais, fundadas no exercício (anti)ético da exclu-

²³ BRAZ. Finalzinho de carreira, p. 71.

²⁴ RIGHETO. *Árbitros: vilões ou mediadores do espetáculo*, p. 108.

são e representadas de diversas formas, por outro lado, a análise dos dois contos mostra que essa ficção voltada às representações do futebol tem insistentemente se valido do espelhamento, enquanto procedimento artístico e como estratégia de comunicação para mostrar como os diferentes universos se comunicam, todos atravessados pela face avassaladora da vontade autoritária de poder.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BARROS, Clarissa D. A beleza e a feiura na contemporaneidade. **Diálogos**, n. 9, 2013.
- BRAZ, Ademir. “Finalzinho de carreira”. In: _____. **A bela dos moinhos azuis**. Marabá: Editorial Iguana, 2015.
- ECO, Umberto. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: GINZBURG, Jaime; SEDLMAYER, Sabrina. (Org.). **Walter Benjamin**: rastro, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- OLIVEIRA, Nelson. As existências mínimas e o cadafalso. In: SOUZA, Clei. **O suicídio e outras histórias**. Belém: Mezanino Editorial, 2021.
- SALGADO, Vitor Lourenço Rodriguez. **Bolas de papel**: sociedade, gênero e território em contos de futebol argentinos. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá. **Espaço Plural**, v. 7, n. 15, 2006.
- SILVA, Marcimendes M. da. **Suicídio**: trama da comunicação. Ed. Livrus, 2017.
- SILVA, Verônica Guimarães Brandão da. **A cultura brasileira do feio**: por uma noção de beleza ampliada. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UnB, Brasília, 2017.
- SOUZA, Clei. **O suicídio e outras histórias**. Belém: Mezanino Editorial, 2021.
- STRATICO, Fernando. O texto abjeto e performativo do futebol e da poesia. **Aletria**, v. 22, n. 2, 2012.
- RIGHETO, Carla. **Árbitros**: vilões ou mediadores do espetáculo? Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2016.

* * *

Recebido em: 18 dez. 2023.
Aprovado em: 22 maio 2024.